



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6482 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT11 - Política da Educação Superior

AS IMPLICAÇÕES DAS AVALIAÇÕES NA FORMAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE/UERN

Brenda Chaves Diógenes - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Francisco Canindé da Silva - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Introdução

É indispensável que os estudantes em curso de formação inicial de professores entendam/reconheçam o significado e a relevância que a avaliação tem e de como pode interferir em sua vida pessoal, acadêmica e profissional. Uma vez que a prática avaliativa e educativa estão interligadas, com o objetivo de constituir um perfil de egresso, por meio de ações que se complementam ao final do processo ensino-aprendizagem acadêmico. Pressupomos que este ato político e pedagógico deve ser vivenciado com intensidade em todo o percurso formativo, especificamente quando se trata da formação docente a partir do curso de pedagogia.

Assim, convictos de que o *acontecimento avaliativo* emerge de realidades cotidianas inusitadas, desafiadora para formadores e formandos, nesse trabalho, fez-se necessário uma leitura entrecruzada do Projeto Pedagógico de Curso de Pedagogia, Campus Central da UERN, com as práticas cotidianas vivenciadas por um grupo de 03 professores em suas respectivas disciplinas e grupos de alunos, no que tange a processos de avaliação da aprendizagem e, por conseguinte, uma conversa com estes alunos para melhor produzir compreensões acerca deste saber-fazer complexo – a avaliação.

A esse respeito estabelecemos como questão problematizadora de pesquisa, saber: de que maneira, professores e alunos do Curso de Pedagogia do Campus Central da UERN vêm articulando práticas de avaliação da aprendizagem, no contexto da formação inicial docente?

Para esta problematização se fez necessário evocar o cotidiano como concepção teórica e como espaço-tempo de *acontecimentos* práticos em que ações e situações criadas, engendradas pelos indivíduos, quando vistas de perto podem ser capturadas e ressignificadas como conhecimento não autorizado (CERTEAU, 2011).

Metodologia da Pesquisa

Para compreender os *acontecimentos* cotidianos fizemos uma leitura atenta do

documento Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (2012), fundamentando-se no fato de que já existe uma discussão sobre o objeto de estudo, possibilitando que relacionássemos diferentes concepções e discursos acerca de avaliação.

Para reconhecermos os *acontecimentos avaliativos* nos cotidianos do Curso de Pedagogia da UERN/Campus Central, realizamos mergulhos com todos os sentidos (ALVES, 2008) nestes espaços-tempos *pensados/praticados* pelos professores e alunos das disciplinas de Antropologia e Educação; Ensino da Língua Portuguesa e Educação Especial e Inclusão.

Para produzirmos reflexões neste percurso cotidiano que vivenciamos, sentimos, falamos, nos colocamos, dialogamos, realizamos com ajuda dos praticantes conversas — momentos de partilha que aconteceram ao longo da pesquisa. Dialogamos com estudantes e professores, relacionando diferentes experiências e conhecimentos, fazendo emergir outros pontos relevantes para discussão do objeto. O ato de conversar, enquanto proceder metodológico produziu uma rede de saberes e fazeres entre os conversantes, pesquisadora e colaboradores. “O conversar é este entrelaçamento entre a linguagem e a emoção através do qual conseguimos mundos, geramos mundos em conversações” (MATURANA; PAZ DÁVILA Y., 2005, p. 105).

Participaram destas nossas conversas 04 estudantes colaboradores da pesquisa. Os referidos estudantes são denominados de acordo com a abordagem certeuniana de praticantes, neste caso, das disciplinas de Antropologia e Educação; Ensino da Língua Portuguesa e Educação Especial e Inclusão do Curso Pedagogia do Campus Central da UERN. A escolha por este quantitativo de colaboradores se deu em função do tempo disponível para realização da pesquisa e da quantidade de informações que foram geradas nos movimentos vivenciados nos cotidianos do curso, durante a pesquisa.

Os estudantes envolvidos diretamente em/com nossas conversas estavam devidamente inscritos no semestre letivo do ano de 2019 e nas disciplinas que estávamos acompanhando. As conversas aconteceram com um discente de cada disciplina em momentos de maior aproximação — intervalos, chegada e saídas da sala de aula, atividades em grupo. A opção por trabalhar com esse grupo específico deu-se a partir dos níveis de envolvimento com a disciplina e a questão da avaliação.

Os praticantes cotidianos em formação que participaram do estudo estavam dentro dos critérios de inclusão adotados: ser aluno regularmente matriculado no Curso de Pedagogia do Campus Central da UERN do turno noturno; estarem cursando disciplinas de fundamentos e de instrumentalização pedagógica. E como critérios de exclusão: ter cursado um dos componentes curriculares em outra instituição de ensino ou em outro campus da UERN.

As conversas com esses colaboradores não foram gravadas, mas no momento da conversa escrevemos notas em nosso Diário de Pesquisa[1] questões e frases, para que depois pudéssemos rememorar e ampliá-las no referido diário.

Esses movimentos de conversas e mergulhos no cotidiano do Curso de Pedagogia, nos fez perceber como as experiências nos deixam marcas e nos ajudam na construção de um conhecimento *outro* (MACEDO, 2009) capaz de produzir várias inquietações e redimensionamentos acerca do saber/fazer avaliativo dos estudantes, futuros professores.

Resultados e discussões

De acordo com o PPC de Pedagogia do Campus Central da UERN, o formando

deverá articular por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão, capacidades críticas e reflexivas que possam atender as demandas sociais da profissão de pedagogo, seja na docência ou em outros espaços educativos. Nesse contexto, consideramos que a avaliação se constitui processo indispensável na formação de competências, habilidades e atitudes dos formandos, sendo *pensadapraticada* (OLIVEIRA, 2012) na vivência cotidiana de maneira diagnóstica e processual.

Na condição de pesquisadores cotidianistas iniciantes, decidimos também pela captura do gesto particular produzido nos cotidianos das aulas e dos momentos de avaliação. A maioria dos gestos particulares são invisibilizados pela lógica instituída de avaliação, somente pelo estabelecimento da confiança entre praticantes é possível dialogar com os praticantes e produzirmos outras reflexões.

Nossas conversas aconteceram em lugares praticados pelos alunos no Campus Central da UERN, tais como: espaço de convivência entre as galerias das salas de aula (mesinhas que ficam em frente as salas); nos grupos formados em sala de aula nos momentos de intervalo; nos corredores do referido Campus; nos momentos de partilha de lanche, etc. Nestes espaços livres e abertos, surgiam conversas que partiam desde os conteúdos relacionados sobre as aulas até a vida pessoal. Naquelas circunstâncias compartilhavam alegrias, angústias e conhecimentos sobre diversos assuntos, inclusive sobre práticas de avaliação.

Concordamos com Esteban (2001) ao afirmar que as práticas avaliativas devem atender a necessidades e particularidades existentes na turma, permitindo por meio de diálogos que as vozes dos estudantes sejam explicitadas e incorporadas, pois esse é um dos fatores que fazem com que um grande potencial humano não seja desperdiçado. Mas, nem sempre essas vozes são ouvidas e ou consideradas como *acontecimento avaliativo*, visto que existem outras prioridades a serem alcançadas. Nos espaços-tempos não autorizados, nas situações ditas comuns, revelam-se essas vozes e as latências que nela coexistem.

Quando dialogamos com o estudante “A” da Disciplina de Antropologia e Educação, perguntamos sobre as práticas avaliativas utilizadas pelo Professor Rouxinol:

Achei boa! As perguntas estavam claras e objetivas, tanto da primeira como da segunda avaliação e a terceira o ‘Dossiê’[2], que foi algo novo e importante para nossa aprendizagem. Nunca tinha feito uma prova assim, muito desafiadora e nos faz refletir sobre questões que estão para além da sala de aula (Conversa com estudante “A” em 04/03/2020).

O professor tem a flexibilidade, sabe desenrolar [desenvolver] as situações que acontecem na disciplina e entender o lado do aluno, que em sua maioria realiza o curso a noite porque durante o dia trabalha e tem que cuidar de família, e as provas devem ser realizadas pensando nisso, no que vivemos além daqui [da universidade] que muitas vezes interfere em nossa aprendizagem. Nem sempre as provas só de um jeito nos fazem aprender (Conversa com Estudante “A” em 04/03/2020).

Duas questões nos chamaram a atenção nesse relato do Estudante “A” na relação com as práticas avaliativas desenvolvidas pelo Professor Rouxinol: o turno de funcionamento e a condição de trabalhadores dos estudantes noturnos. Considerando essas questões e o que delas derivam (cansaço, sonolência, tempo reduzido), o professor reconhece que tanto o conteúdo como as maneiras de conduzir a aula e as práticas avaliativas devem levar em conta esses dispositivos. O ato humanizador do professor é perceptível quando dinamiza as práticas de avaliação fazendo com que os alunos dialoguem entre si e construam conhecimentos a

partir de situações concretas, como foi o caso do Dossiê.

É importante entender que o dinamismo no que tange as formas de avaliação acerca do conhecimento concebido pelos alunos, possibilita que amadureçam enquanto futuros docentes, pois conseguem perceber que é aceitável e considerável o uso de diversos caminhos para se trabalhar um aluno e sua construção crítica sobre um texto, por exemplo. No caso em questão, a construção da aprendizagem dos sujeitos se deu por intermédio de um *Dossiê*.

Com essas avaliações diversas, como o plano de aula, resumo e até mesmo a prova eu me vejo pondo em prática a minha docência a partir dos processos de avaliação, uma aprendizagem além das teorias ou explicações da professora e monitora. Eu gostei bastante, porque foram situações que tanto nos deixavam livres para dar nossas opiniões, como também nos faz colocar em prática o que vamos fazer quando formadas (Conversa com estudante “B” em 12/03/20).

Essas práticas constroem nos alunos a capacidade de diálogo, escuta, argumentação e de relações humanas baseadas no respeito e na tolerância, que são indispensáveis na formação em pedagogia.

Esse processo de escuta e diálogo, como supracitado, efetiva-se em nosso entendimento enquanto *acontecimento avaliativo*, pois tanto professores quanto alunos, tendem a construir informações importantes para sua atuação enquanto docente. Neste interim de escuta, existe a construção de ideias, efetivada por todos os envolvidos no cenário, pois a partir dos fatos narrados, os sujeitos passam a construir seus discursos próprios. Vale salientar que em algum momento existirá o confronto de opiniões, entretanto também haverá o encontro de narrativas, e por vezes, estas serão iguais, porém apresentadas de uma outra maneira, com uma outra disponibilidade de diálogo.

Na conversa com a Estudante “C” da Disciplina de Educação Especial e Inclusão, percebemos que a Professora Esmeralda, enquanto mediadora do processo de ensino e aprendizagem, utiliza métodos avaliativos democratizantes, viabilizando a produção de conhecimento de seus alunos.

Atitude louvável em relação as avaliações, seria bom que existissem mais professoras como a de Inclusão. Porque as vezes os professores acham que a nossa vida é apenas a Faculdade, e não são nenhum pouco maleável. Esquecendo que para além dos muros da faculdade todos temos famílias, trabalho. E esquecem um pouco de serem humanos com a gente. Muitas vezes, nós universitários passamos o dia no trabalho e vamos direto para aula, sem ter nem tempo de tomar banho, e muitas vezes com fome, vamos comer somente na hora do intervalo. E quando a gente chega em casa ainda tem que muitas vezes fazer trabalho, pois durante o dia não tem tempo para fazer. E quando a gente pede para ser um pouco mais maleável alguns acham que é porque queremos moleza. Por isso aplaudo a atitude da professora de Inclusão, em ser maleável e se colocar no lugar da gente em relação as avaliações, pois muitas vezes foi uma mãezona para gente (Conversa com a Estudante “C” em 13/03/2020).

Esse relato da aluna nos faz refletir o quanto existem histórias diferentes dentro de sala de aula, que se produzem em contextos diferentes na sociedade, e com isso é necessário fazer com que esses alunos sintam-se incluídos no processo de aprendizagem. No que diz respeito as avaliações da aprendizagem, podemos considerar os cotidianos sociais dos estudantes e criar maneiras de melhor conduzi-los a construir conhecimentos sobre o conteúdo da disciplina em estudo. A acolhida e o cuidado da referida professora está bem expressa pela estudante quando afirma: “por muitas vezes foi uma mãezona”.

Para a estudante “D” que também estava no grupo de conversa, as avaliações realizadas pela Professora Esmeralda relacionavam teoria e prática, questão fundamental na formação, como podemos perceber em sua posição:

As avaliações foram feitas de forma que contribuíssem para o perfil de cada um dos alunos. Quem se sente melhor com uma prova escrita, como é o meu caso, na primeira unidade teve a oportunidade de fazer uma boa prova. Já na segunda unidade, para mim não foi muito confortável, pelo fato de ter muita dificuldade em me expressar, meu tom de voz é baixo e eu tenho que fazer um esforço enorme pra falar alto, minha dicção não é muito boa, sem falar que sou muito tímida, e tudo isso atrapalha na hora de uma apresentação, só que é o momento de praticar e isso é importante antes de irmos para sala de aula mesmo. Mas, mesmo assim, esse tipo de avaliação é algo que não chega a ser aterrorizante para mim, talvez pelo fato de não ser ansiosa, mas acredito que para quem é ansioso talvez seja mais difícil. A terceira unidade acho que será a mais legal porque estamos fazendo entrevista, e vamos fazer a socialização, acho que será um momento que poderemos nos colocar e dá mais nossa opinião (Conversa com Estudante “D” – Em 13/03/20).

A diversificação de práticas avaliativas realizadas pela Professora Esmeralda, expressa-se como uma dimensão inclusiva na conversa com a Estudante “D” ao afirmar que sentia-se inserida nas modalidades avaliativas adotadas — a prova escrita — embora não deixe de reconhecer a importância das demais práticas utilizadas em sala de aula pela professora.

Notamos que nesse trecho, a possibilidade de reapropriação da avaliação encaminhada pela professora, já que a avaliação proposta pela Professora Esmeralda possibilita que os envolvidos no processo possam reconstruir de maneira significativa aquilo que foi dado para consumo. Isto ocorre quando a Professora Esmeralda, percebendo que na sala de aula alguns alunos não conseguiriam expor oralmente, assume diferentes maneiras de realizar as avaliações.

A professora compreendeu que sua aula não seria suficiente para esses alunos, apenas trabalhando avaliações escritas, pois estes, através desta modalidade avaliativa não conseguiriam superar seus medos e desenvolver habilidades necessárias à sua profissão. Dessa maneira, passa a estimular seus alunos ao crescimento enquanto futuros docentes, levando-os a superação quando se colocam diante de um público. Assim, irão construindo sua identidade enquanto professores, firmes frente a diversidade de alunos e suas diferentes necessidades.

Essa prática também é reconhecida nesta reflexão como um *acontecimento avaliativo*, pois os alunos não esperavam que a professora, identificando suas necessidades mais urgentes, pudesse substituir as provas escritas, nas quais já estão habituados.

Dessa maneira, percebemos que o que acontece nos processos de avaliação se constitui em cenários diferentes dos previstos, que ampliam as possibilidades de reconhecer múltiplas maneiras de aprender a ressignificar os conteúdos disciplinares e as próprias concepções já existentes.

Conclusões

Destacamos, a guisa de conclusões, um olhar cuidadoso acerca de práticas avaliativas docentes, percebendo a preocupação com a aprendizagem dos estudantes que vão além de lógicas prescritivas e possibilitando-nos identificar sentidos construídos em torno de avaliações que resultam em posturas construtivas e não avaliativas restritas que objetivam apenas padronização burocrática.

Desta maneira, o reconhecimento de *acontecimentos avaliativos* existentes nas práticas do Curso de Pedagogia demonstram que existem simultaneamente múltiplas maneiras de avaliar, tendo em vista que existem diferentes maneiras de aprender e ensinar não autorizadas nos cotidianos da universidade (CERTEAU, 2011) que colaboram para uma educação de qualidade.

Consideramos, portanto, que a experiência de reconhecer *acontecimentos avaliativos* nos cotidianos do Curso de Pedagogia, a partir dos mergulhos com todos os sentidos que realizamos durante a pesquisa permitiu que outros diálogos fossem produzidos, fazendo emergir uma multiplicidade de saberes-fazer, sem se fechar na ideia da resposta certa ou errada, e nem havendo interesse apenas na previsibilidade e em resultados exatos. Os acontecimentos avaliativos aliados as atividades programáticas dilatam as possibilidades de avaliação da aprendizagem e os processos de formação de professores no Curso de Pedagogia.

Referências

ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *In*: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes e saberes**. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008.

BARBOSA, J. G; HESS, R. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: Liberlivro, 2010.

CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3. edição. Vozes: Petrópolis, 2011.

ESTEBAN, M.T. Avaliação: **Uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MACEDO, R. S; GALEFFI, D; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: UFBA, 2009.

MATURANA, H.; PAZ DÁVILA, X. Ética e desenvolvimento sustentável: caminhos para a construção de uma nova sociedade. Trad. Karla Demoly. **Revista Psicologia & sociedade**, v. 16, n. 2, p. 102-110, set./dez. 2004.

OLIVEIRA, I. B. de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP *et Alii*; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

UERN. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Mossoró/RN, 2012.

Palavras-chave: Ensino Superior. Curso de Pedagogia. Acontecimento Avaliativo.

[1] Para Barbosa (2010) o diário de pesquisa é algo mais íntimo e com uma escrita mais pessoal, percebendo que além de pesquisadores, somos professores, alunos, filhos, pais e que é uma prática que está dentro da nossa vida pessoal também.

[2] Esta atividade objetivou desenvolver a compreensão de que o patrimônio é uma noção que está muito mais

perto do que pensamos, então, os estudantes fizeram um exercício de escrita sobre suas descobertas física, simbólica, para ser entregue por escrito – de preferência, digitado – no dia marcado. A sua apresentação no dia da entrega era optativa e não interferia na avaliação final.